



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:

Padre Américo

Respons. Administração e Propriedade:
Casa do Gaiato de Póvoa—Paço de Sousa

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa
Nun' Alvaros R. Santa Catarina, 628-Póvoa

Preço 1400

OUTRA VEZ A VIAJAR

ESTOU na capital. É de Lisboa que dito *pró famoso* estas mal notadas regras. Cheguei ontem no rápido novo; no das terças, quintas e sábados. Sim senhor. Aquilo é que é. Nem um foguete! A saída do Rocio, oiço ralar: *Olhe que é pela esquerda*. O povo afluía. Quedei. Recordei as últimas posturas de transitio, e botei muito sentido às setas e às riscas, enquanto lá estive, não fôsse cair em multas. Assisti a algumas execuções. É muito simples. A gente põe o pé fora do risco e logo aparece o funcionário a cortar bilhete. São cinco coroas. Tanto faz berrar como não. *Dê cá!*

Desta feita, juntou-se mais um passo doloroso à minha via sacra do costume: a Casa do Gaiato de Lisboa. Preparativos da fundação da Casa do Gaiato de Lisboa em o antigo palácio de Santo Antão do Tojal. Nunca, como agora, me assaltou o medo de conquistar, após as tentativas de conquista aos *Castelos do Ribatejo*,—nunca! Os senhores instalam-se nas torres; cada um em sua torre, e não oferecem combate. Assim, quem pode? Nem o Conquistador! Ontem, tinha ido a uma casa daqui, em certa rua. Bati. Vem a criada. Mal disse quem era, bota ela as mãos ó ferrólho muito depressa e informa: *os senhores estão pra fóra*. Pressentiu.

Passei em Lisboa dois dias amargurados, eu, pobre filho de Eva, que além das pugnas interiores que assaltam todo o mortal, tenho de suportar mais esta, contra os maus elementos: *os senhores estão pra fóra!*

Depois do pequeno almoço, começam as passadas nos corredores pombalinos. Ia cheio de incumbências. Eu sou o recoveiro. Começo pelo Ministério da Justiça. Um *meu filho*, de Espanha, não sabe aonde nem de quem nasceu. Veio pequenino. Hoje tem bigode. É necessário colocá-lo. O código não prevê este caso. E agora? A seguir, vou ao das Colónias. Um dos *meus filhos* pretende embarcar. Dali, sigo ao do Interior. Duas palavrinhas. Falta ainda o das Obras Publicas. Coisas pendentes. Por ultimo, vem o da Economia. O Leão! *Que entre, mas só dez minutos*. Que bom! Assim é que eu gosto. Quando as palavras são cheias, nem tanto é preciso. Casa agrícola em Paço de Sousa. Instalações adequadas prós bois do Daniel. Os nossos bois, agora tão visitados, após as sentidas queixas do Melgaço: *foram-se embora sem ver os nossos bois!* Fala dos visitantes. Queixa-se dos visitantes. Levei o dia inteiro a subir e a descer caieiras. Oh! quem me livrara delas! Eu tenho que não há segundo padre no Império, que suba tantas delas e tantas vezes como eu. Sou já popular nos corredores. Compreende-se. Ministro que nos visite, é *chauffeur* que passa palavra. Ministro que queira almoçar mais nós, é *chauffeur* que também almoça. É na própria cozinha, das mãos dos próprios cozinheiros, infusa ao pé!... Isto consta e basta. Sou muito conhecido.

É notinha. Regresso ao hotel. Tudo mais barato. Até o pequeno almoço no rápido! Dos taxis não se fala! Quem teria comido tanto dinheiro, por tanto tempo!

Antes de jantar, subo aos meus aposentos. É o 56, que diz prá Praça. Praça da Figueira. Gosto de ver os mercados das cidades. Dantes, quando por lá andava, nunca, em cidade nenhuma, deixei de observar o panorama. Pelos costumes, pela linguagem, pela espontaneidade, pelas coisas, pelas cores,—os mercados são a expressão. Um grupo de seis garotos, compra quatro maçãs e

divide. Quatro por seis, seria coisa difícil para outro que não fôsse o garoto da rua. Era à dentada. Cada um sua dentada, até ao fim da unidade e assim as quatro unidades. Eu estava à janela. Vi. Chamei. Era um segundo andar. Para não atrair povo, uso mimica. Eles entendem. Falam as mãos e os olhos. Dou-lhes dinheiro para comprar fruta ali mesmo, a um dos muitos vendedores da praça. Que não. Que ali é fruta muito cara. É prós senhores. Que eles iam por outra mais barata, ali perto, do outro lado. Eu retorqui. Que tinha medo que eles fossem e não voltassem e eu muito desejava vê-los comer, naquêlo mesmo sitio, debaixo da janela. Os nossos olhares reluziam. Os dedos, cada vez mais fluentes. Com esta eloquencia, os seis rapazes tranquilizaram-me. Lá de longe, antes do dobrar a esquina da praça, disseram-me que era um momento. Foi um momento! Ai veem eles carregadinhos de ameixas, qualidade inferior, e desatam a comer, debaixo da janela aonde eu estava. Olharam. Os olhos pediam mais fruta. Nomeio um chefe,

para garantia. *E's tu*. Dou-lhe dinheiro. Lá vão eles todos. Ai veem todos, chefe a presidir. *Sobrou dois mil reis; que lhe faço?* O chefe pede instruções!

Lições preciosas. A primeira, é a força das categorias. A igualdade é um erro. Estes rapazes não quizeram ir comprar da fruta *dos senhores*. Foram mais longe, por outra fruta. Pela fruta deles. Pois que cada um seja senhor daquilo que é seu, sim, mas que ninguém faça seu aquilo que é dos outros!

A segunda lição é a força de um chefe deles, para eles. Quantos *dois mil reis* não deve ter roubado aquele mesmo, que me perguntou o que é que lhe havia de fazer?

Chegou a hora da despedida. Adeus, Lisboa. Comprei cinco bananas e almocei cinco bifés, se éle é verdade que uma vale um. Dei cinco mil reis por elas, porque quiz. Gosto de ajudar quem precisa de comer. Detesto quem vive de comedelas.

UMA CARTA

A carta a que hoje me reporto, é uma das muitas que se recebem na aldeia, sem assinatura. Não gosto. Antes queria que cada um firmasse a palavra com o seu nome próprio. Há dias, uma de um comunista, trazia nome e morada, sim. Mas quê. Vinha lá a dizer que não fizesse eu uso de uma coisa nem de outra. Cumpri por amor à virtude da lealdade. O mesmo foi que não trazer nome.

A carta de hoje é apaixonada. Tenho recebido outras, seguramente da mesma pessoa, porque da mesma paixão.

São cartas tendenciosas, perturbadoras. Eu, que tanto preciso de sossêgo, não fazia conta nem estou preparado para esta sorte de mensagens. Tão pouco para esta sorte de mensageiros. Aqui há tempos apareceu-me um cara a cara, bem vestido e bem falante. Assim como nas cartas, também éle começa pelo elogio à minha pessoa: — levantar, encarecer, proclamar. Oh perigo! Assim começou este mensageiro. A seguir, descreve o panorama social do mundo; os males, os remédios. Finalmente, voz um nadinha exaltada, aponta o meu cabeção e irrompe: Tire isso daí pra fóra; você não é padre. Você é um dos nossos. Não lhe perguntei, nem éle me disse quem era; por isso mesmo, não sei o que seria se fôsse um dos dêle. A carta a que me reporto, tem tiradas semelhantes:

«Sei que você não pode libertar se da tutela do seu clan, que lhe falta a coragem dos mártires. Quem o impede de ser sincero consigo próprio, de romper de vez com o erro, com as superstições em que não crê, com a adulteração dos princípios cristãos?»

Toda a carta é um vulcão. O seu autor, põe-me nas alturas. Acha bem tudo quanto eu faço, menos o cabeção: «Disponha-se a sofrer mais, a perder o beneplacido dos mandões, a ser excômungado, escarnecido, vaiado, apupado como Cristo foi na Cruz».

Vê-se um irmão da Igreja Reformada a fa-

lar. Aflige-se. Tem pena de eu ser um padre da Igreja Católica;—Aquela que sempre foi! Cuido que se trata de um protestante sincero. Deus o ajude. Sômente gostaria que a mim, padre católico, fôsse atribuída a mesma sinceridade: Quem o impede de ser sincero consigo próprio? Ora eu levanto aqui a minha voz e pergunto ao mundo inteiro, se jamais algum mortal é capaz de comover almas pelo que faz e diz, sem a sinceridade consigo próprio. Mais. Poi que é que este irmão da Igreja Reformada escreve cartas assim?

De onde a sua comoção? Sinceridade. Por amor da minha sinceridade.

Ora vamos aqui a um bocadinho de doutrina. Antes de o fazer, peço perdão de me ocupar da minha tão ilustre e falada pessoa. É preciso. Estava eu na minha mocidade, a ganhar o pão, fóra da nossa terra. Eramos muitos empregados: Navegação marítima, navegação fluvial, caminhos de ferro, oficinas, escritório—um mundo.

Católicos, dois. Um Irlandês e um Português. Os mais, protestantes de várias seitas. Eram muitos, naquele tempo, os dias santos de guarda. Eram muitos os nossos trabalhos nesses dias. Pois bem. O director da casa, um calvinista, entrava no meu escritório, batia-me no ombro de mansinho e dizia: The bell rung.

Era um dia santo de guarda. Tinha tocado o sino prá missa. Tocou o sino. Não me mandava ir. Punha me absolutamente à vontade; a mim o determinar-me. Ora eu sou desta escola. Os tempos andaram. Deixei a vida que tinha e fiz-me, mercê de Deus, sacerdote católico. Eu sou do Papa. Apenas ordenado de presbítero, fui enviado pelo meu Superior reger a capela de um sitio, posta, então, ao culto. Haveria no lugar um pastor protestante em exercício. Esperava-se que o padre católico verberasse do altar. Nunca a minha santa boca se abriu para mais nada, que não fôsse a homilia à estação da missa—nunca. O pastor desapareceu. O barra-

Ecoss da jornada ao Ribatejo

Boas noticias. A Juventude Operária de Torres Novas, manda uma lista de 78 nomes, futuros assinantes do *melhor jornal do mundo*. Assinantes certos. Alguns pagaram, até, adiantadamente. Não importa quanto, nem como, nem quando. O que a gente quer é fazer escândalo com o jornal. Fustigar as consciências. Abrir o coração dos homens a uma causa justa e humana. Levar e convencer os que tem muito de seu, a repartir com quem nada tem de seu. Ora leiam o que me diz um Médico instalado em uma cidade do Ribatejo, mas que não é natural do Ribatejo: *Impressiona e confrange a pessoa menos sensível o espectáculo da miudagem, esfarrapada e suja, que pede esmola às portas dos cafés, numa inconsciente vadiagem. Que homens poderão dar esses garotos?*

Esta carta chama à pedra todos os que podem. Do Rocio ao Sul do Tejo, também recebemos uma pequenina lista de assinantes. De Alferrarede, um senhor gostaria de passar ali a fita-documentário da nossa aldeia, e dar-nos o produto. Gostaria e agradeceremos, sim, mas a fita nos não pertence. De Alcanêna chegou agora carta de porte de cabedais. São perto de cem quilos. O mestre da nossa oficina, não se farta de gabar a qualidade. *Mais de três contos*, diz êle. Outras pequenas encomendas tem chegando da mesma terra, e ficaram lá 20 litros de azeite, que havemos de mandar buscar.

Nunca se perdem as passadas quando as damos por amor de Deus. Gosto de sentir os trabalhos, os *fiascos*, as criticas, as humilhações, o medo; tudo isto é a necessária argamassa dos monumentos de ordem espiritual. Pode haver muito dinheiro, sim, mas sem estes elementos, é impossível construir.

Que os 78 novos assinantes de Torres Novas se multipliquem e espalhem a boa semente por aquelas terras. Ouvi dizer a um engenheiro agrônomo que a região ribatejana é uma das mais productivas do mundo! Pois que a riqueza não espalhe a miséria! Quem tiver este jornal leia e diga aos outros que olhem para dentro de si mesmos, e meçam o que dão aos pobres por aquilo que recebem das suas terras; não suceda andarem por lá a bater no peito e não serem conhecidos do nosso Redentor!

Casa do Gaiato de Lisboa

Tenho aqui boas noticias. Quando foi da Casa do Gaiato do Porto, antes das obras da mesma e falando acerca dela no teatro S. João, eu pedi presença aos tripeiros e eles apresentaram-se. Pois estou em dizer que Lisboa vai pelo mesmo caminho; tais as noticias. São cartas a declarar amor à Obra. Já se pergunta, aonde vai ser o *Depósito!* Um senhor que diz ser português, cristão e socialista, parece que vai falar. Temos conta aberta no Banco Espírito Santo, meu senhor. Peça um talão. Escreva *Casa do Gaiato das Ruas do Porto*, que é assim o título do livro e Deus o ajude. Não importa o nome do depositante. Isso é pró mundo, mas nós não somos do mundo. Nunca publiquei nomes. Estou mal se me não acodem. Pior, se os Empreiteiros de Lisboa não esperam. No próximo dia 10 de Agosto são as doras! Cem contos. Verdade é que o Ministro já despachou metade, sim, já despachou. Mas se alguém tiver curiosidade em saber as voltas que leva o dinheiro desde o despacho ministerial até chegar às mãos da gente, faça umas obrasinhas e veja. Também tenho carta do P. Adriano, que anda por lá a fazer os preparativos. Mostra-se satisfeito. Por este andar, podem os habitantes de Lisboa começar a fazer caminho para Loures no próximo Outubro, como fazem os do Porto para Paço de Sousa desde que aqui moramos. Os do Porto tem umas falas muito lindas... Vamos vêr os da capital!

=====

Venda do número 87 e 88

Não tem esmorecido nem desmerecido. Na folha do 88 escreveu o Júlio: *O máximo até agora atingido!* O ponto de admiração é dele, do Júlio, o Chefe da casa do Porto.

Até agora, não quer dizer que se fique naquele número, 2851 exemplares despachados.

Nós esperamos ir mais além. Já começaram no Povoá e Espinho. Vem a seguir Leça, De Braga também pedem, mas não temos obreiros. O *Pirulas* fez a sua estreia. Vendeu bem. Saiu de casa muito contente a cuidar que P. Américo é idolo por isso invocava o seu nome: *Ande, prá judar o P. Américo*. Regressou muito triste, por ter visto que não é bem assim.

Alguns diziam-lhe: *Tira lá isso, P. Américo que vá tomar banho!* A camisola amarela vai agora no

ASSINATURAS PAGAS

Longe de saturado, o mundo português que gosta de ler, continua a pedir, a pedir assinaturas do *famoso*. Hoje mesmo chega uma carta de Lobito com uma data de novos assinantes e um cheque do Banco Nacional Ultramarino a dizer como eles se chamam... Sim senhor. Assim é que é! A gente até fixa melhor os nomes e gosta mais de os ler. Na grande imprensa é assim. A candeia vai sempre à frente. Dinheirinho que não vá, jornalsinho que não vem. A grande imprensa marca. São colos-os de comércio e indústria. E' o senhor interesse a dar leis. Nós cá não. Nós somos o mendicante. Não pomos; aceitamos condições. Uns pagam antes. Outros pagam depois. Outros nunca pagam. E' a sorte de quem vive de esmolas. Ninguém nos deve nada. Temos de viver esta verdade; deixarmo-nos trespassar; andar sempre cheiinho dela, não vá acontecer que nos enchamos de nós mesmos e então, adeus casa do gaiato! Ai vem o desânimo. Ai vem, talvez o desespero. Que o nosso Bom Deus nos ajude e nos mostre a vida nesta luz.

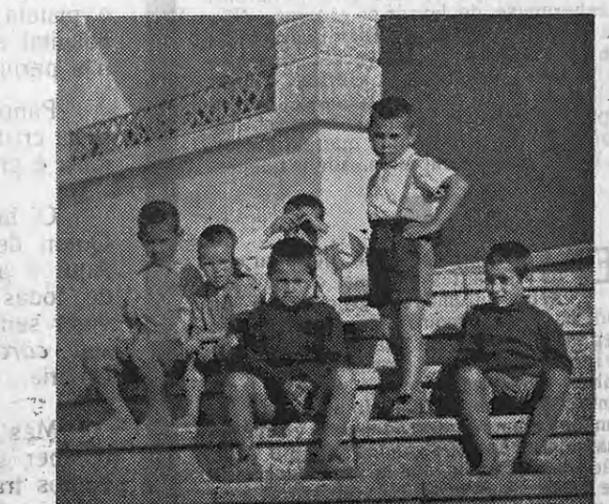
Luis Carneiro Leão, Casa da Fontela, Paços de Ferreira, (3 anos), 100\$; Fernanda Marques Fernandes, Povoá de Varzim 7\$; Celestino dos Santos, Brunos Condeixa, 48\$, Maria de Sammer de Andrade, Monte Estoril, 100\$; Miguel Rodrigues de Oliveira Sangalhos, 50\$; Tenente Mario Lourenço dos Santos, Comandante da P. S. P., Covilhã, 300\$; António Rodrigues Pintasilgo, 50\$; Dr. João Augusto Vieira de Araújo, Viana do Castelo (3 anos), 10\$; Maria Luísa da Cruz Lima, Porto, 50\$; Rosa Rodrigues, Pasaldêlo S. João da Madeira, 20\$; José Ferreira de Sá, Aguada de Cima-A'gueda, 30\$; Maria dos Prazeres Castilho Morais Banho, Almendra, 50\$; Menina Nita do Couto e Castro, Figueira da Foz, 20\$; Alice Montenêgro, Sinfães-S. Cristóvão, 150\$; Sara Menano Viseu, 30\$; Manuel Crêspo Trancoso-Cogula, 25\$; Rodrigo Ferreira, Pôrto, 20\$; Dr. Alberto Rezende Martins S. João da Madeira, 50\$; Maria Florentina da Costa Graça Herdade das Carias-Arraiolos, 100\$; Maria Helena Meira Maia, Herdade das Carias-Arraiolos, 20\$; Lucinda Wandselmeider Mesquita, Praia da Granja 20\$; Valentim de Carvalho Salão Nenparth- Lisboa, 10\$; Amigos da Casa do Gaiato das Minas de S. Pedro da Cova por intermédio de Vasco Matos Trigo, 44\$; Artur Manuel Rezende dos Santos, Nogueira do Grand-S. João da Madeira, 30\$; António Alves de Oliveira, Senhora da Hora, 50\$; Carolina de Almeida, Pôrto, 25\$; Helena de Brito Porto, 25\$; Maria José César Porto, 25\$; Maria Adelaide Moreira, Leça da Palmeira, 50\$; Maria do Espírito Santo de Almeida, Porto, 5\$; Gabriel Maria Brito, Porto, (2 anos) 200\$; Francisca Mantênêgro Calheiros, S. Cristóvão de Nogueira-Sinfães, 30\$; Vasco Pinto de Niranda, S. Cristóvão de Nogueira, Sinfães, 30\$. Alexandre Alberto Nogueira Pinto S. Cristóvão, de Nogueira, Sinfães 30\$, Avelino de Sousa Perdigão, S. Cristóvão-Sinfães, 30\$; Maria da Graça Leite Montenêgro. Quinta da Granja-Sinfães 30\$. Jesuina Quintela Tabarda, Monsanto, (2 anos) 50\$; Maria Aroso, Porto, 100\$; Francisco de Melo Beirão, Lisboa 50\$; Laura Pinto de Azevedo, Lisboa, 25\$; Júlio Ferreira de Magalhães, Paços de Ferreira 40\$; Suzana Lagrifa, Braga, (2 anos), 50\$; Dr. João Garcia Nunes Mercia, Lisboa 100\$; Alfredo de Melo Vaz Pinto, Casa do Burgo-Arouca, 50\$; Ernesto de Queiroz Ribeiro, Foz do Douro, 20\$; João Maria da Silva, Setúbal, 150\$; Pompilio dos Santos Varanda, Coimbra 50\$; Padre Manuel José de Pinho, Grândola, 200\$; Manuel Marques Canceiro, Galveias (2 anos), 100\$; Meriane Sequeira Adrininho, Silves. (3 anos), 60\$; Olimpia da Conceição Costa, Coimbra, 30\$; Francisco Jacinto Portela, Quinta das Rodas Vila Marim, 50\$; António Manuel Pires Azinhoso' Mogadouro, 50\$. Maria del Carmen Ortigão Sanches de Ramires, Algés, 20\$; Adelaide Sousa Rôla, Porto, 20\$; Ferrer Romero dos Santos, Lisboa 3\$; Dr. Francisco d'Assis Brito Lisboa, 1.00\$; Menina Maria da Luz da Silva Maia, Porto, 50\$. Artur Coelho, Porto, diversos, (3 anos), 200\$; Menino Alvaro Furtado de Albuquerque, Bombarral, 50\$. Júlia Duarte Cabrita, Lisboa, 250\$; Maria Helena Cansado Lisboa 25\$; Maria Odete Frazão, Lisboa, 50\$; Dr. Eva isto Marques, Covilhã, 40\$; João Santos Pereira, Porto, 50\$; Alzira dos Santos, Oliveira de Frades, 30\$; Irene da Silva Rodrigues Viana do Castelo, 50\$; Aca Tavares Estima Rezende, Espinho, 2\$; Jeanete Macêdo Lisboa, 20\$; José Rosas, Porto, 50\$; Amélia da Silva Rodrigues Foz do Douro, 50\$; Artur Farinha da Silva, Lisboa, 100\$; Grupo dos Escoteiros Católicos de Barreiro, 20\$; Augusto da Silva Grilo, Arcos de Anadia, 20\$; Antero de Andrade, Caves Neto Costanadia 20\$; João Pedro Godinho e Cunha, Figueiro dos Vinhos, 40\$; Maria Azevedo, Porto, 15\$; Julieta Ribeiro de Carvalho, Coimbra, 50\$; Joaquim Perreira da Silva Advirta, Seixal, 20\$; D Carlos de Sá Fragozo Venerando Bispo de Pitam Itália, 50\$; Ernestina Azambuja, Casa da Ribeira Amarela, 50\$; Alferes Manuel Herenlano Chráo de Carvalho-Aveiro, 50\$; Minernina Campos, Guidões Santo Tirso-Muro, 25\$; Octávio Gomes, Sangalhos-Fogueira, 20\$; Joaquim Tavares d'Almeida Porto 40\$; Aida Julieta Fernandes, Gondomar de Guimarães, 50\$. Menina Amélia Moura, Travagem Ermezinde, 50\$; António Cardoso Ferrão, Porto 50\$; Marinba Andrade, Mealhada, 20\$; Ana Almeida Costa Valadares, Valadares, 500\$; Dr. Fernando Magano, Porto, 100\$; Porfirio A. Moraes Gonçalves, Porto, 100\$; Armando dos Santos Ala de Rezende, Ois da Ribeira-Agueda, 25\$; Acúrsio Soares Estima, Rio de Janeiro-Brasil, 50\$; Victor Rodrigues Patrício Porto, 50\$; Dr. Fernando Faria Salazar, Coimbra, (2 anos) 60\$; Maria do Céu Teixeira da Costa Marques, Serra-Tomar, 50\$; José Augusto Alves, Lisboa, (1 mês), diversos, 100\$; António Lopes Teixeira, Porto, 100\$; Manuel Francisco da Costa, Avintes, 100\$; Menina Maria Beatriz Marques Niza da Silva,

Lisboa, 20\$; Zilo Alves da Silva, Lisboa, 20\$; Francisco Alves Carrico, Silvã-Barcoço, 20\$; Dr. Roberto Canelas, Cantanhede, 50\$.

José Guilherme Lemos Pacheco Perozinho-Vila Nova de Gaia, 50\$; Armando Madureira, Porto, 50\$; Albertina Magalhães Godinho, Porto 50\$; Dr. Alberto Fonseca de Figueiredo Cónsul da Bélgica, Porto, 200\$; Pedro Marcho, Matosinhos, 100\$; José da Silva Patillo, Palmeira-Braga, 30\$; João Carlos Júnior Torres Vedras, 3\$; Clara de Melo Correia do Vale, Tondela, 50\$. Hernani José Cardoso Baptista, Sezimbra, 50\$; Inspector Adriano de Souza Matos, Porto, 20\$; Padre José do Carmo V cente Seminário de Almada, 40\$; Engenheiro Manuel da Costa Pinto Barrêto, Vila Real, 20\$; Maria Eugénia Vilar Saraiva Lisboa, 50\$; Maria Luísa Nogueira, Lisboa, 100\$; Rodrigo Ferreira da Silva, Vermoim Maia, 20\$; Maria Manuel Dias Almeida, Porto, 30\$; Ruy Fernando Cabral Ferreira de Oliveira, Lisboa, 50\$; Padre Francisco da Fonseca Antunes, Semário da Figueira da Foz 40\$; Padre Manuel José Vitorino, Alcobaca, 20\$; Luis Pereira da Silva, Porto 20\$; João Ribeiro, Porto, 20\$; Maria Alice Gomes, Porto 20\$. Dr. António Vaz Patta, Galizes, 50\$. António Alfredo Alçada Baptista, 25\$; Luis Manuel Soares Marchado, 25\$; Albano Enes Dias, 20\$; Luis Crêspo de Caavalho 25\$; Valentim Nunes Garcia (4 meses), 10\$; José M guens Simões Vieira, 25\$; Fernando Ligado de Azevedo Mendes 20\$; Deodato de Magalhães Sousa 5\$; José Caím de Bruges da Silveira Estrela Rêgo, 25\$; Jacone Saareara de Ornelas Bruges, 25\$; Dr. José Venâncio Paulo Rodrigues, 35\$; António Lobo Vaz Patta 50\$; Engenheiro Manuel Parreira Vidgal, 50\$ Todos de Lisboa.

José Nunes Vicente Figueira da Foz, 20\$; Padre Norberto Brandão de Menezes, Vila Verde-Figueira da Foz 50\$; Maria Luísa de Barros Mendes, Ponte das Areias-Cête (2 anos), 750\$; Maria Amélia Soares Albergar a Nunes, Foz do Douro, 50\$; Maria Adelaide Basto de Amorim, Oliveira de Azeois, 24\$; Dr. Guilherme Ferreira Coutinho, Casa da Ponte Vouzela, 10\$; Francisco Romano Esteves, Caseais, 20\$; Ana Pereira Gabriela, Lisboa 10\$; Carminda Soares, Lisboa, 10\$; Mafalda da Silva Portugal Murtosa, 10\$. Luis Tavares Simões, Lisboa 40\$; Maria Tereza Navarro Lisboa, (2 anos), 100\$; Luciano Vitorino dos Santos, Mogadouro, 40\$; Engenheiro Anselmo Pinto Basto, Lisboa 100\$; Dr. António Guedes Correia de Campos, Tomar, 60\$; Dr. e Professor Manuel Miranda Bragaça, 100\$; José F Montanha Bragança 40\$; José Pereira Bernardino Bombarral, 50\$; João Lino P. Bruno, Bombarral-Sobral 50\$; João Barros Ferreira Leal, Menino António José do Amaral Santos Gomes, Bombarral, 25\$; Menino Luis Francisco Valente de Oliveira, S. João da Madeira, 50\$. Dr. António Alves da Silva Celorico de Basto, 50\$; José Paulino de Almeida, Monte Estoril, 250\$; Eufrática Margarida Maria da Costa Praça, Montemor-o-Novo 100\$; Ilda Dias Pereira, Covilhã, 30\$; Joaquim Cândido da Mota Leite, Palmeira Braga, 30\$; Joaquim Maria Galveias Ramos, Alcanêna, 30\$; José Augusto F. Pacheco Teles, Viseu 60\$; Mar a Carlota, Porto, 50\$; Anónima, Rehór ainhos-Bagaça, 40\$; Maria Stella da Silva Baptista, Porto de Mós 20\$; Efigénia Rebelo Dig.ª Professora Oficial em Parada de Ganta, 50\$; Menina Maria Amélia Sampaio Freixo Casal de Gumioi-Bodosa 20\$; Menino Fernando Castro Moreira silveira-Campo Valongo, (2 anos) 200\$; Graciada Marques, Campo-Valongo, 20\$; Alberto Nogueira da Rocha, Campo-Valongo, (2 anos), 70\$; Padre Henrique da Silva Leuro, Alto Alentejo-Vila Fernando, 20\$. Maria da Luz d'Oliveira, Lisboa, 20\$. Padre Miguel Nogueira Coelho, Vila Boa de Quires-Marco de Canaveses, (1 Elvira Mendes Barbosa Santarém, 40\$. Professor Alberto Carlos Neves de Oliveira Setubal, 20\$. António Júlio de Alpuim, Viana do Castelo, 25\$. Dr. Miguel Sá da Bandeira, Lisboa, 50\$. Ruy Azevedo Lemos Correia Leal, Lisboa, (2 anos) 50\$. Dr. Gaspar Augusto Pinto da Silva, Ermezinde, 100\$. Cónego Avelino Duarte Semêdo, Portalegre, (2 anos), 50\$.

Maria Helena C. erra, Lisboa 5750; Adelina Leite dos Reis e Silva, Santarém (3 anos), 50\$ João Pessoa, Lisboa, 50\$. António Forte Lisboa, 50\$. Teodoro Nascimento, Lisboa, 20\$. A. Saraiva de Carvalho, Coimbra 20\$. Maria Alice Andrade Santos, Lisboa 100\$. Fernando Baptista Albano, Saima Sangalhos, 50\$. Manuel Alves Ferreira, Mondrões-Vila Real 20\$. Padre Domingos da Silva e Pinho Dig.º Rector de Bunchiro-Murtosa, 400\$. Aristen Ramos, Bunchiro Murtosa, 50\$. Arlindo de Sousa Porto 150\$. Dr.ª D. Maria da Conceição Veiga Alentejo Portel, 50\$. Benjamin Soares Freitas Ois da Ribeira-A'gueda, 25\$. Alfredo Tavares da Silva, Piedade-A'gueda 25\$. A baro Cruz, Piedade-A'gueda, 25\$. Flo o Tavares Ferreira Gomes, Crasto Recardães-A'gueda, 3\$.



Os visitantes gostam das vistas da nossa aldeia e nós gostamos que os leitores as vejam. Foram apanhados nas escadas do refeitório, as únicas que custam muito mais a descer do que a subir...!

Isto é a Casa do Gaiato

Uma oferta de categoria

FUI agora mesmo chamado para derimir. Era uma grande questão entre o Arouca mai-lo Sapo. Este é das galinhas. Aquê é dos porcos. Estava ali um cesto de folhas de couve, desperdícios da cozinha. Ambos queriam a hortaliça para os seus gados. Ambos zelosos. Ambos dados à contenda, mas o Sapo mais. Estas questões são de todos os dias. É o rapaz a denunciar-se, numa vida que trasborda. Com os coelhos, passou da marca. Tais bulhas levantaram entre si, que se houve de lançar uma lei a proibir. Hoje não temos coelhos.

ESTAVA hoje no alto da Aldeia e dei com os olhos num grupo de seis dos mais miudos, ocupados no transporte do *Marão* para a jaula. O *Nero* não é assim. Esse deixa-se conduzir facilmente por um qualquer. Gosto da jaula. Todos os dias acontece o mesmo. O *Marão* foge campos em fóra, às vezes vai mesmo até à mata. Se um dos grandes o topa, êsse basta para o trazer a casa. Se um dos pequenos, berra por outros, juntam-se todos, pegam-lhe como podem e ai vem o *Marão* às costas.

É a nossa aldeia. Aqui nada é igual, nem os cães, e mais são do mesmo ventre. O *Nero* gosta de estar em casa. O *Marão*, morre por andar fóra. Ambos bons guardas. Ninguém venha cá de noite!... Que dizer dos nossos cento e quarenta *homens*. Todos eles querem e fazem por acertar, mas nenhum da mesma sorte nem pelo mesmo caminho. Nem a graça destroi a natureza, quanto mais os métodos de educar! Cá vamos cantando e rindo. Sim. A gente aqui em casa não se farta nem se cansa de rir. No refeitório é que é. Qualquer coisa serve de pretexto para rir. Até o caldo sem sal!

Almas abertas. Sangue a esguichar. Os cães. Os bois. Os gatos. As galinhas. O leite. A borã. O sal. E os passarinhos a banharem-se nos regos por onde a água passa! Tenho sido chamado pra ir ver, e quando chego, já o passarinho se tem ido embora. *Era aqui, olhe; um passarinho tão lindo. Já se foi. Que péna.*

Deixá-lo ir. Há mais passarinhos. O que importa é o gosto que experimentou ao vê-lo, o pequenino que me foi chamar. O *mestre* passarinho deu a lição e foi-se embora. Mestre, sim, justamente por nunca se ter apercebido do seu valor de mestre.

O *Magala* tornou a fugir! Apareceu hoje de manhã, tudo sujo, de ter dormido por lá! Tomou banho, vestiu roupa e veio-me dizer que nunca mais. É o António Reis de Tomar. Não teve berço. Teve mãe só de três letras. Dormia aonde calhava. Há-de levar seu tempo a tomar hábitos d'homem. Dei-lhe um chocolate, daqueles que ontem nos deram. Talvez, pela força da minha intenção, aquela pedra de chocolate seja moeda de bom toque; talvez!

O que eu hoje vi na nossa aldeia. Oh desgosto! Tinhamos os nossos taludes revestidos de verdura; erva nascidica, tão própria dos nossos usos e costumes. Aqui em casa tudo nasce. O bom e o mau. Seara universal A seu tempo corta-se, extrema-se. É a vida. Pois tinhamos os taludes revestidos e os rapazes dos bois ceifaram! Acabaram-se de lavar os campos. Não há erva nos campos. Eles querem dar de comer ós bois e às vacas. Uns, vão prá mata, apascentar. Outros, tomam foicinhas e vão pelas margens das terras ripar. E também foram ós taludes! Os bois são deles. Os bois querem comer. A lei de comer é suprema. Adeus taludes.

EM o domingo passado, notei eu que os visitantes levavam consigo em seus automóveis o cicerone da aldeia. Do primeiro não fiz caso. Do segundo na mesma, mas quando o terceiro ia subindo, aproximei-me e quis saber. *Vou mostrar os nossos bois.* Então me lembrei do apêlo aqui feito em um dos números derradeiros e verifiquei mais uma vez quão grande não é o coração dos homens, mai-la sua capacidade de amar! Uma vez que os visitantes souberam, pela notíciasinha, que os nossos ficavam tristes por não irem ver os bois, eis que todos procuram remediar, e vão ver os bois! Não são os bois; é a creança. É o amor à creança. Os rapazes fervem de entusiasmo. Os bois, as vacas, as vitelas, as ovelhas fazem feira aos domin-

gos de tarde no recinto que lhes é dado. Péna tenho eu de ser recinto impróprio, instalações antiquadas! Eu queria para o gado deles a frescura das casas deles. Já pedi e tornei a pedir instalações adequadas. Papel não falta. Falta o coração. O Estado, qualquer Estado, é um senhor sem coração.

A loja do Piriquito está um amor. Não lhe falta agora nada. Tem a banqueta. Tem espelhos. Tem ferramentas. Tem também, neste momento, uma coisa que lhe não é devida. Que é? Que será? É uma devoção do Piriquito. É um cesto com palha, a um canto da loja. Dentro do cesto, uma galinha choca. Debaixo d'esta, ovos de *garnizé!* Tirante êste anacronismo, tudo está no seu lugar. Ferramentas, não se fala. *Piriquito* foi há dias à Casa Tinôco, com duas navalhas, e trouxe um mundo de coisas. E que coisas! No aizer do próprio, é mais de um conto. Quiz saber como foi; se êle é que pediu ou se os senhores é que deram. *Piriquito* explica: Os senhores perguntavam o que é que eu precisava. Eu dizia. Eles abriam um armário. Eu via as coisas e pimba. *Pimba!* Quantas vezes não *pimbou* êle, sem os senhores abrirem armários. Era êle mesmo quem nos abria! *Piriquito* foi à Granja ver a mãe e levar 100\$00. No regresso, tive dúvidas se sim ou não êle dera o dinheiro. Perguntei. Eis a resposta:

Se a carta que hoje recebi foi escrita por qualquer duvida, já o posso sossegar por completo. — Já falei com a mulher, a quem o Piriquito entregou os 100\$00, em casa de quem a mãe tem um quarto que ela lhe dá para dormir e cosinhar, e como é boa pessoa, e tem alguma coisa de seu, ajuda-lhe a tomar conta dos filhos enquanto ela vai trabalhar. O Piriquito esteve com ela e como ainda não tinha encontrado a mãe deixou-lhe os 100\$00 para lhos entregar o que fez nesse dia. Contou, e com toda a razão grandes louvores sobre o Piriquito, que muito lhe

pediu para dizer à mãe que tivesse juizo «sabe é minha mãe não lho posso dizer», Deus queira que o exemplo do filho lhe sirva também a Ela.

A carta é boa. As informações são boas. Mas eu tenho sempre matéria para duvidar, muito embora edifique na confiança. São os mistérios dolorosos do meu rosário. Tenho de os passar. Há dias fiquei no Lar do Porto, de passagem para a jornada ao Ribatejo. Mandei comprar um pacote de lâminas. Coloquei sobre uma mesa. Dou duas voltas pela casa. Desaparece o pacote das lâminas! Nenhum deles faz a barba. São vinte e oito. Quem foi? E vou eu por aí abaixo, mostrar aos Ribatejanos o documentário da nossa aldeia. E tudo quanto ali aparece é verdadeiro; que seja testemunha a luz do sol. Tudo verdade, sim. E isto que agora digo, também é verdade. Mais. Esteve aqui um dos nossos a passar férias. Regressa. Não sei que me deu no peito, que o mandei abrir o pacote, aonde ele levava um fato novo. O rapaz abre. Tinha lá dentro uma data de ovos! Negou!! Fugiu!!! Voltou, a pedir perdão. Vamos a ver por quanto tempo. Isto é verdade. Isto é a Casa do Gaiato. Se há no mundo algum mortal que sinta inveja da minha cruz, êsse não compreende. Se nela se regosija, não ama.

ANDAVA hoje uma data dos mais pequenos a arrancar ervas ruins da nossa horta. O senhor professor presidia. O ceguinho. Eu passei e vi como é que êle se informava do serviço. Como é que êle queria saber se as ervas eram ou não bem arrancadas. Como era? Que fazia o cego? Chamava o *Santa*. O *Santa* é o chefe. Pedia-lhe uma mão cheia de ervas arrancadas. Passava-lhes os dedos. Tinham raiz, muito bem. Não tinham raiz, ai das orelhas dos trabalhadores!

Chamaram-me pra ir ver. Era na Alfandega do Porto. Era um mundo de coisas. A Empresa de Navegação Mercante lembrou-se da Casa do Gaiato, à vista de uma data de mobiliário em segunda mão, de um dos seus paquetes. Tudo bom, já se vê, à prova dos tombos do mar. O despachante Viegas, fez transportar em duas camionetes de Leixões pró Porto. O despachante Almeida, trabalhou. O Chefe Martins, deu ordens e horas. Director e Sub-Director, interessaram-se. Era uma alfandega de entusiasmo na Alfandega do Porto! Obteve-se a isenção de direitos. Assim o diz a carta do Director Geral das Alfandegas, ao administrador da Casa do Gaiato. Foi em Conselho de Ministros de 1 de Julho. Ora aqui é que está. Trata-se de direitos. Uma isenção de direitos. Pasta nenhuma o pode fazer por si mesmo. Só o Conselho de Ministros. Isto é o que a gente deduz. Uma coisa puxa a outra. Dizem praí cobras e lagartos do governo. Ora eu acho que isto anda mas é muito bem governado. Muito apuradinho. Direitos da alfandega. Oh nervo da Nação! Oh garantia! Só Conselho de Ministros. Não foram estes mesmos direitos da alfandega que duma vez nos solicitaram na falecida Sociedade das Nações, por garantia de um tal empréstimo à nação portuguesa? Parece que sim. Foi ontem. Oh tempos! Hoje, felizmente, tudo às avessas! A todos quantos trabalharam. A todos quantos se alegraram. A todos quantos despacharam a favor—a todos, um ferrosoro apêto de mão.

MIRANTE DE COIMBRA

CÁ estou de novo no meu posto. Miranda e Coimbra no mesmo sítio com vento à popa. A *malta* contentíssima com o novo Assistente. Não fiz falta nenhuma. É para que se saiba que a *Obra* não há-de ir abaixo por falta de continuidade. Vim encontrar as colónias de férias do garôto do bêco, que deram origem às casas do Gaiato, já em plena actividade.

É do alto destes penhascos da Senhora da Piedade que redijo as linhas deste desprezencioso mirante. Os Cincoenta moinantesitos, como rebanho de mansos cordeiros, espalham-se pelo monte que me fica de frente. Vejo-os saltitar de penêdo em penêdo, à procura da *quadilha dos ladrões*. «Eu sou o coboy»—é a cantiga favorita. E, como coboy, de espada à cinta e pistola em punho, disparam, matam, levam para o hospital e para a cadeia os *criminosos*, tal como viram nas perniciosas fitas policiais.

Panorama soberbo, ar puro, sombra acolhedora, água cristalina, liberdade plena e estômago cheio—que mais é preciso para alegria mais completa e sã?

O' bêco imundo que derranca os filhos de Deus! Quem dera que estes quinze dias durassem sempre! Aqui a alma se eleva, insensivelmente para o criador de todas as maravilhas que nos rodeiam. Quizera viver sempre aqui como Francisco de Assis no alto do seu *cárcere*, extático cantor da eterna beleza da Umbria.

Mas êste belo encanto dura pouoco. Acabo de receber guia de marcha para a ofensiva de Lisboa. Novos trabalhos, novas canseiras, novas ansiedades ali nos esperam.

Espera-nos sobretudo a turba-multa dos sem-eira-nem-beira e, com eles e por eles, a certeza do bom acolhimento da parte dos Poderes Públicos e dos corações de todos os lisboetas de lei.

Em Coimbra fica-me ainda o coração apesar da mágoa de ver o garôto da rua tão mal compreendido. Nota-se a falta de bairrismo para acolher e amparar o que é seu, sobretudo as obras de beneficência que por aqui espalham o bem. Asilo, Misericórdia, criaditas etc. Todos se queixam do mesmo abandonôdo daqueles que podem.

Quem tem humildade para subir pela terceira vez a escadaria dum milionário, com o fim de receber a cota de dez escudos, e ouvir sempre a mesma resposta: —venha cá outra vez que o semestre não acabou?

Antes de Outubro a *Obra da Rua* terá quatro casas. Coimbra. Quem nos dera que ao menos sustentasse uma delas. P.º Américo farta-se de catequizar-me: *ninguem nos deve nada*. Acredite. A nós —Padres— não! Mas aos pobres, aos infelizes, aos abandonados,—quem é que não deve? O mundo deve tudo a quem não tem possibilidades de sair do seu nada.

Vou terminar com a notícia dos últimos donativos recebidos. Vêm quase todos de mãos calejadas, dai o seu duplicado valor.

—De um grupo de visitantes operários: 136\$00.
—No Jantar dum amigo de operários 1.320\$50.
—Do primeiro ordenado duma jovem «Amiga da Obra» 902\$40.

—Dum enfermeiro do Hospital: 120\$00.
—Dum visitante 20\$00; 1.000\$00 prometidos no peditório de Celas. Um paio do Alentejo. Missais de Lisboa e um de Coimbra. 20\$ de Matozinhos. 50\$ em cumprimento duma promessa. Um sacco de massa de—O amigo do Porto, que desde tempos imemoriais é amigo de Coimbra.

Alguns embrulhos com preciosa roupa usada. A bonequinha, Sr. Zé Ninguem, foi encontrar a destinatária a gemer numa cama do hospital. A miudita suspendeu os gemidos para sorrir à sua *menina*. Quem visse a alegria dela mandaria muitas dúzias de presentes iguais. Ainda agora acabo de fazer-lhe nova visita. A boneca dormia ao lado da dona. —20\$ para as conferências dos Gaiatos.